

HABITACULUM

Ensaio baseado no Trabalho de Graduação Integrado apresentado à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Arquiteta e Urbanista sob orientação da Profa. Dra. Maria Cecília França Lourenço. São Paulo, 1992.

Autora

Márcia Sandoval Gregori¹

¹ Doutoranda pela FAU-Mackenzie, Arquiteta e Urbanista e Mestre pela FAU-USP. [Currículo Lattes](#).

Resumo

A casa do homem pode ser o universo, a floresta, a cidade, uma oca multifamiliar ou uma habitação unifamiliar típica da sociedade ocidental. Mas sua significação de aconchego, proteção e de pertencimento está presente em qualquer dos exemplos. A casa é o espaço habitado e conhecido. No mundo ocidental, é a individualidade que se expressa diante da rua e do espaço público da cidade. Por isso a fachada e suas frestas (portas e janelas) adquirem importância significativa ao fazerem a transição entre o espaço íntimo e individual doméstico e o espaço público e coletivo da cidade. O estudo tem como objetivo trabalhar com as diferentes significações que a casa e o habitar podem adquirir e pensá-las na dinâmica da complementaridade com a cidade, o coletivo, os caminhos. Ao final, constitui-se um objeto tridimensional que expressa a tensão entre o dentro e o fora por meio de aberturas e da participação ativa do espectador, que completa a obra ao manipular o objeto e ao conceder novos significados aos conteúdos ali indicados.

Palavras-Chave

Casa, habitar, identidade, caixa, fresta, fachada, porta, janela

Abstract

The house of the man can be the universe, the woods, the town, a multifamily hollow or a single-family housing typical of Western society. But its significance of warmth, protection and belonging is present in any of the examples. The house is an inhabited and known space. In the Western world, it is the expression of individuality before the street and the public space of the city. So the facade and its openings (doors and windows) acquire significant importance making the transition between the intimate and individual domestic space and the collective and public space in the city. The study aims to work with the different meanings that the house and the dwelling can acquire and insert them into the complementary dynamic with the city, collective, ways. At the end, constitutes a tridimensional object that expresses the tension between the inside and the outside through slots and active viewer's participation to supplement work while manipulating the object and giving new meaning to the content displayed there.

Keywords

House, inhabit, dwell, identity, box, slot, facade, door, window

Introdução

Pensar na casa e em seus conteúdos simbólicos, significados personalizados que visam a apropriação dos espaços como lugares de reconhecimento e pertencimento, implica pensá-la na polaridade de pares – a evitar o pensamento binário excludente do bom ou mau – que se complementam e constituem realidades dinâmicas, como o abrir e o fechar; o individual e o coletivo; o público e o privado.

Tais combinações aparecem nas produções humanas, mas são acentuadas quando se trata da casa e de sua inserção na cidade. Em primeiro lugar porque a casa é, sobretudo nas sociedades ocidentais, muito valorizada enquanto expressão da individualidade de quem a habita. Em segundo, porque não se concebe tal casa sem sua inserção na dinâmica urbana em que se encontra. Ou seja, tal como a cidade – resultante da coletividade –, a casa é expressão individualizada de um modo de produção que conforma espaços, modos de viver, frequentemente a congregar identidades e segregar diferenças.

Semelhante a uma caixa ou uma gaveta, a casa convida a ser aberta, penetrada, investigada, desvendada em seus segredos e intimidades, porque, como afirma Gaston Bachelard (1978), não é possível conceber uma gaveta vazia – ideia que pode ser estendida a caixas e casas. Dentro delas imaginam-se vidas, histórias, memórias, passados e presentes, que brotam na intimidade da habitação para se interceptar e se constituir no coletivo de cidade, ruas e caminhos.

Processo análogo acontece quando uma obra de arte sai de uma coleção particular e entra no espaço público do museu ou da cidade (nas praças, estações, edifícios públicos). É nesse instante que a individualidade do artista, que plasma a obra de arte, adquire dimensão social e coletiva. Na busca dessa integração entre o individual e o coletivo desenvolve-se o trabalho enquanto pesquisa teórica, dos símbolos, imagens e significados, e prática, a conformar um objeto tridimensional manipulável, que se abre a novas significações na interação com o espectador-participador.

Táticas do habitar: a casa como lugar de pertencimento

Habitaculum, casa, morada, lar, abrigo. Lugar de privacidade e identidade do morador cujas frestas e fachada fazem a intersecção e a transição entre o íntimo e o

público, a rua, a cidade. A expressão-convite “sinta-se em casa” sugere que aquele convidado a entrar pode se apropriar do espaço como se fosse seu, como se fosse um lugar familiar², conhecido, em que é possível habitar. Do latim *habere*, que é raiz dos verbos haver, habituar, vestir, aparentar externamente e de habitual, deriva o verbo habitar, no qual todos esses sentidos concentram-se e ressoam – não apenas no português, mas também em outras línguas.

Habitar as coisas e torná-las e suas, sejam elas objetos, espaços, relações, é uma atribuição do ser humano, em particular em tempos de homogeneização e globalização. Como observa De Certeau (1998), as táticas, praticadas pelo homem na utilização do que as estratégias dominantes do sistema produzem, comercializam e disponibilizam, têm como objetivo tornar habitáveis as coisas massificadas, homogêneas e desprovidas de afetividade, ou seja, desejam tomar posse com afeto, identificação e pertencimento. Desse modo, o habitar, mais do que meramente abrigar-se das intempéries da natureza e do mundo, é pertencer, relacionar-se interna e externamente, apossar-se, reconhecer-se. É transformar objetos/espaços em lugares de relações afetivas e de afinidade.

No âmbito da intimidade e do reconhecimento de uma identidade, no universo familiar, a casa está originalmente relacionada ao aconchego e à proteção. É o domínio de Héstia, deusa grega do lar ou da lareira - altar destinado à adoração das divindades. Serve também para cocção dos alimentos, para o aquecimento do ambiente e para a reunião de seus membros. É o fogo central e o umbigo da casa, assentado e enraizado na terra, conectado com o céu, a fazer a ponte entre o real e o espiritual. É o *foyer* francês ou o lar português.

Héstia e Hermes: polaridades complementares

Héstia, a deusa virgem do lar, refere-se ao habitat humano dentro da casa, à individualidade, ao interior, ao recinto. Constitui o centro da morada e é introspectiva, concentradora e, enraizada no solo da Terra-mãe, remete à imutabilidade e à permanência. Ao mesmo tempo, exalando a fumaça no Céu-pai,

² Familiar no sentido de relativo a um grupo, uma coletividade identitária, ou seja, uma família que pode ser compreendida em amplo sentido, desde como o núcleo familiar formado por casal e filhos, passando por coletivos, tribos e aldeias.

conecta-se ao universo. Na base da estátua de Zeus, em Olímpia, Héstia faz par com Hermes. O par não é erótico ou estabelecido por laços de sangue, mas por uma complementaridade de função. Enquanto Héstia simboliza a morada dos homens na intimidade do lar cravado na terra, Hermes está associado à extensão terrestre e ao habitat humano do lado de fora da casa, como mensageiro. Nele nada é fixo, imutável, permanente ou fechado. Hermes é movimento, passagem, transição, é contato entre elementos estranhos. Seu lugar na casa é junto ao espaço híbrido da porta. Fica na entrada das cidades, nas fronteiras dos Estados, nos lugares em que os homens, ao deixarem seu espaço privado, entram em contato com outros para a troca. (VERNANT 1988).

Héstia e Hermes possuem funções conexas e complementares, e implicam dialeticamente um o outro. À fixidez, à perenidade doméstica de Héstia correspondem a velocidade, o exterior, a abertura, a mobilidade, o contato com o outro, Hermes. Do mesmo modo, a casa vive a dinâmica dessas duas facetas. É abrigo, proteção, expressão da personalidade – por meio da criação de raízes – e relação com o exterior, o universo, o além, inserida que está num todo maior. Está diretamente associada ao indivíduo, mas tal relação só existe na medida em que, por meio de sua fachada e de fendas ou frestas, a casa penetre no exterior e por ele seja penetrada, a constituir e ser constituída pela cidade e pelo mundo de que faz parte.

Com origem no grego φαίνω (raiz de faísca, fantasia, fantasma), a fresta carrega não apenas o sentido de abertura, de rasgo, como o de fazer visível, indicar, fazer brilhar, anunciar (do radical φα associado à voz e ao dizer)³. Tem, portanto, caráter tanto visual, como oral e virtual, e desse modo alude à tensão expressa pelo par Héstia e Hermes. Portas e janelas são frestas, fachos de luz, passagens largas ou exíguas pelas quais se pode entrever histórias, memórias, afetividades, tanto quanto nos cantos, nas gavetas e nas miudezas.

Não é possível compreender a casa apenas como um organismo isolado. Ela é elemento integrante e constitutivo de um todo maior. Suas características indicam a

³ Segundo Bailly, φαίνω tem diversos significados: 1. fazer brilhar; 2. aparecer, fazer ver, fazer visível; 3. fazer conhecer, indicar: revelar, pressagiar, denunciar, portar uma luz. Outras palavras relacionadas são φαος: luz; φανερος: claro, evidente; φαντασια: aparência; φαντασμα: visão. A palavra casa em grego, οικος não está na origem das palavras casa ou domicílio, mas na de ecologia e indica a associação da terra com a morada do ser humano.

sociedade de que faz parte, a que classe social pertence, se é urbana ou rural, aponta valores, modos de habitar e de estar no mundo. Sabe-se, por exemplo, que as casas orientais são mais voltadas para o interior do que as ocidentais, que por sua vez são a expressão da individualidade frente à rua. Por esse motivo se dá, no mundo ocidental, muita ênfase às fachadas das casas, que segundo Hector Vigliecca (2015) funcionam como mediação necessária entre o íntimo e o público a conferir, assim, sentido ao espaço público diante do qual se dispõe o privado, com ele imbricado.

De maneira genérica, pode-se estabelecer correlações no sentido que se dá ao termo casa e outros desígnios da morada. Seja ela uma casa coletiva, como a de alguns indígenas, ou unifamiliar, como em geral no mundo ocidental, seja ela compreendida como a cidade, a floresta, ou o universo, designa o lugar habitado, de pertencimento. Remete, portanto, a uma ideia universal de abrigo, ligado a uma identidade, que pode ser mais ou menos particularizada, mas que vive como essência no imaginário humano.

Continentes de significados e o espectador-participador

Analogamente à casa, a caixa está intimamente ligada ao cotidiano do ser humano. Dentro de caixas pode-se imaginar conteúdos dos mais diversos: segredos, mágicas, objetos de significação pessoal, figurinhas, talismãs, joias, cartas, lembranças (BACHELARD 1978). No limite, gavetas, elevadores, automóveis, vagões, apartamentos, casas, vestimentas e até pessoas podem ser considerados caixas: continentes cujas exterioridades sugerem o interior e revelam o desejado.

Como a casa, a caixa também se abre e se fecha, se revela e esconde, contém, compartilha, e na polaridade dos elementos potencializa a riqueza das memórias e significações que traz em si. Em ambas desenvolve-se um universo de ordem própria e única. Pode-se dizer que a caixa tem, assim como a casa, a identidade de quem a cria e instiga uma vontade ancestral de descobri-la por dentro, penetrar no desconhecido, revelar o obscuro, desvendar, experimentar novos universos. Por isso, tem sentido de transcendência, de passagem, e o ato de abri-la implica um ritual de experiência intensa e significativa, impossível de ser vivenciado à distância, sem ser por essa experiência atravessado, modificado (BONDÍA 2002).

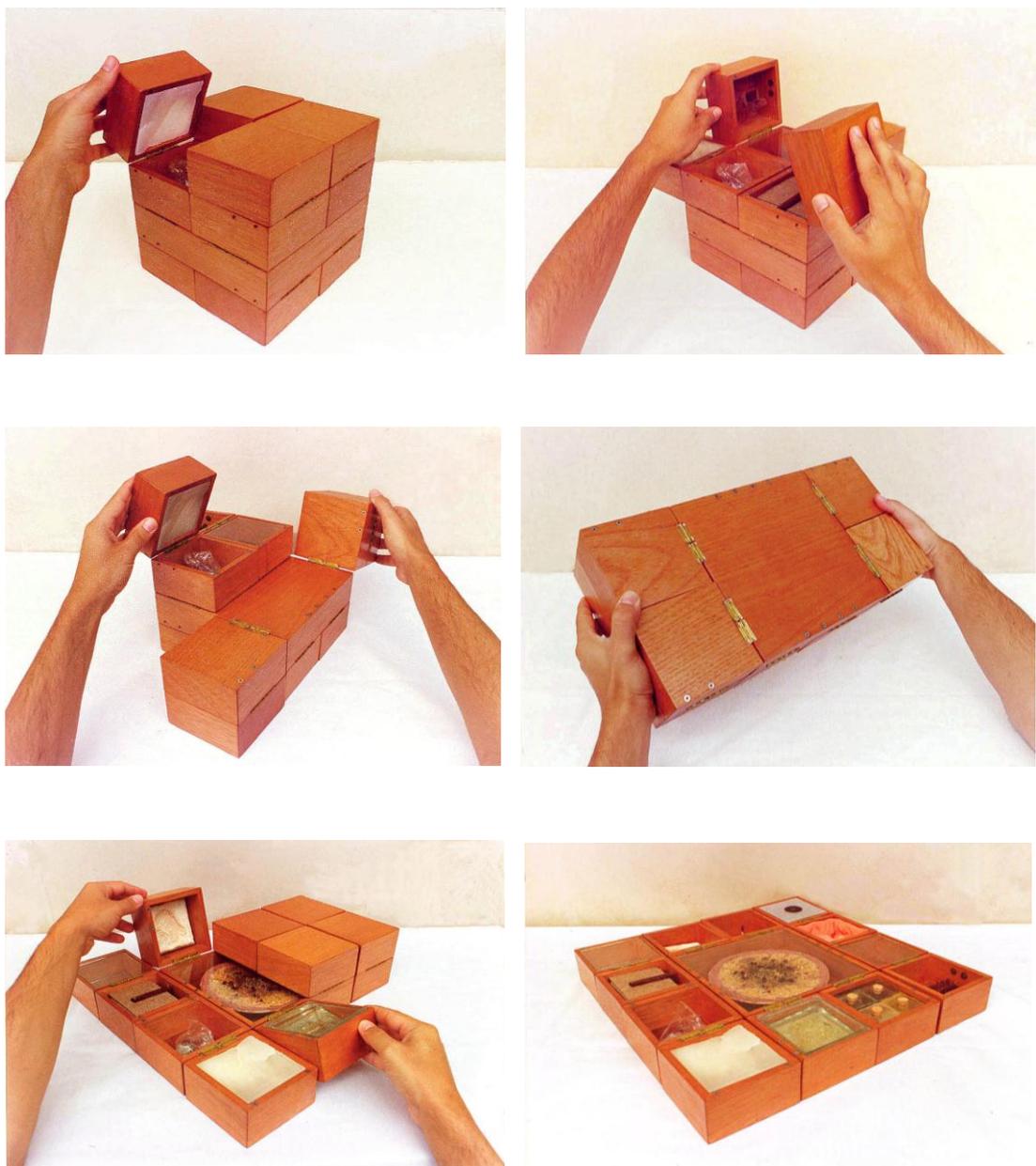


Figura 1: Objeto-caixa constituído a partir da pesquisa de símbolos e significações relacionados à casa e ao habitar apresentado em uma das sequências possíveis de abertura. Fotos da autora.

Os objetos, entre os quais se incluem esculturas, caixas, ambientes, têm papel importante na discussão sobre a fruição da obra de arte. Quando se exige, em primeira instância, a movimentação do espectador ao redor da obra ou, num momento posterior, ao se colocar uma participação ainda mais ativa deste, seja manipulando-a, seja penetrando-a, amplia-se a concepção da arte bidimensional na tela, para a da arte ambiental (que passa pela tridimensional, a escultura). Nesta

última há uma interação transformadora entre obra e espectador, este transformado em um “participador”, que vivencia um novo espaço-tempo e suas inquietações, a complementar e constituir a obra e seus significados, como quando se penetra em uma casa desconhecida (Figura 1).

Considerações finais

A ideia da casa como caixa e da fresta como possibilidade do par revelar/esconder tem papel disparador para a criação de um objeto realizado ao final do trabalho a partir de um conceito que acolha a polaridade do abrir e do fechar, ora a ocultar, ora a deixar entrever, ora a expor. Inicialmente pensado como um livro, bidimensional, a obra tridimensional realizada ao final amplifica e, ao mesmo tempo, resume a trajetória da vivência da autora na graduação e constrói espacialmente leituras e símbolos estudados, num quebra-cabeça que sintetiza o percurso do estudo histórico, da definição de conceitos e da eleição de formas e encadeamentos para o trabalho de conclusão de curso.

No presente ensaio os estudos da significação da casa e do habitar, da relação da habitação com o espaço urbano, da fachada diante da rua são insumos para a criação do objeto-caixa, e abrem possibilidades em pesquisa que considere as diferentes moradas urbanas – na periferia pobre, nos condomínios, em habitações precárias, na rua, sob viadutos, entre muitas outras. A indagar como diferentes grupos se apropriam da morada e da cidade; como se dá a mobilidade urbana e portanto como os espaços públicos são ou deixam de ser apropriados pelos habitantes e suas diferentes identidades; como a fachada da casa diante da rua aparece em diferentes situações. Questões que podem alimentar e aprofundar a compreensão da cidade e de suas hierarquias e de como as diversas camadas de significação reiteram representações dominantes ou sugerem novas interpretações.

Ao entender a cidade e a casa também como arte, como expressão concorrente de individualidades, identidades e variados grupos, o estudo desse equilíbrio dinâmico a partir de significados, narrativas e apropriações pode colaborar para matizar a compreensão de patrimônio, de objeto artístico e de musealização.

Referências Bibliográficas

- BACHELARD, Gaston. **A poética do Espaço**, in Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- BAILLY, A. **Abrege du dicrionaire Grec-Français**. Paris: Hachette, 1990.
- BONDÍA, Jorge Larossa. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*, in **Revista Brasileira de Educação**, nº 19, pp. 20-28, 2002.
- CIRLOT, Juan-Eduardo. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: Moraes, 1984.
- DAHER, Luiz Carlos. **Flávio de Carvalho e a volúpia da forma**. São Paulo: MKW, 1984.
- De CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano – Vol. 1 Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- EKAMBI-SCHIMDT, Jezzabelle. **La percéption de l’habitat**. Paris: Ed. Universitaires, 1972.
- GALCERÁN, Mónica Maria. **Sobre a problemática do espaço e da espacialidade nas artes plásticas**. Rio de Janeiro: Cátedra, 1981.
- SARAIVA, F. R. dos Santos. **Novíssimo dicionário Latino-Portuguez**. Rio de Janeiro: Garnier, s.d.
- SCHOENAUER, Norbert. **6000 de hábitat**. Barcelona: Gustavo Gili, 1984.
- VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e pensamento entre os gregos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1973.
- VIGLIECCA, Hector. Palestra proferida no dia 21 de outubro de 2015 na **Semana Viver MetrÓpole** em conjunto com a disciplina **Projeto e Crítica na Arquitetura e Cidade**. FAU-Mackenzie, 2015.